

QUEM SALVARÁ O SALVADOR?

O Sr. **JESUALDO CAVALCANTI** (PFL-PI) –Sr. Presidente, Srs. Deputados, em discurso que proferi ao inaugurar minha presença nesta tribuna, publicado no **Diário da Constituinte** de 17 de fevereiro de 1987, diz questão de esclarecer a linha de conduta que me imporia nesta Casa. Disse naquela ocasião:

“Pertencendo aos quadros do Partido da Frente Liberal do Piauí, confesso que tenho especial respeito pelos partidos políticos.

Contudo, não sou o primeiro a afirmar nem serei o último a reconhecer que “quem serve melhor a seu partido é quem serve melhor a seu País”.

Em outro pronunciamento, publicado no mesmo **Diário**, desta feita de 7 de janeiro de 1988, voltei a declarar:

“Reafirmo que, errando ou acertando, seguirei os ditames de minha consciência e que ninguém espere contar com o meu voto para frustrar as aspirações do povo brasileiro”.

Malgrado as incompreensões, não raro salpicadas de mesquinhas vinganças, não me faltou a necessária força moral para confirmar, por palavras e votos, a firmeza e sinceridade deste compromisso de consciência. Embora, por vezes, até errando, quem sabe? Só o futuro dirá.

Desta forma, durante a Constituinte muito discepei da orientação da liderança do PFL. Diria mesmo que pouquíssimas vezes com ela me alinhei. Se assim não fora, em vez dos 5,25 pontos que me atribuiu o DIAP, teria eu amargado o zero a que fizeram jus os principais líderes do meu partido, sob a ótica das questões trabalhistas. É que entendia naquela época, como ainda continuo a entender, que numa sociedade pluralista, a exemplo da brasileira, a Constituição só poderia resultar da vontade dos partidos se os partidos representassem, efetivamente, a vontade da Nação.

Ora, existe algo mais distanciado do querer do nosso povo do que o agir dos principais partidos brasileiros, nos dias atuais? É evidente que não. E a evidência mais recente foi oferecida pelo resultado do pleito de 15 de novembro último. Laureados pela vontade popular, chegaram ao segundo turno apenas candidatos de pequenos partidos, enquanto os indicados pelas maiores agremiações ocuparam modestos lugares na preferência do eleitorado.

Há, portanto, um agudo descompasso entre o formal e o real. Entre o continente e o conteúdo. Entre o espectro partidário e o povão. Poderia até dizer, como Oscar Wilde, que “entre a idéia e a ação paira a sombra”. E, enquanto essa sombra perdurar, seja entre o programa e a prática dos partidos, seja entre a ação dos políticos e a vontade da Nação, o jogo democrático não passará de uma farsa. E como farsantes não têm compromissos com a seriedade, deles não seria razoável exigir-se algum contributo para a grave tarefa de construção de instituições estáveis, justas e democráticas, como anseia ardentemente a Nação.

Creio que foi esse quadro de contradições, incertezas e descrenças o responsável pelo resultado do primeiro turno da sucessão presidencial. Confuso, no jogo do faz-de-conta, o eleitor se mostrou incapaz de escolher o melhor dentre os 21 candidatos. Acuado, agora se vê a braços ante a necessidade de escolher o “menos pior” dentre os dois **salvados do naufrágio**.

É dramático e assustador constatar, Senhor Presidente e Senhores Deputados, que após 29 anos de jejum eleitoral e sufocado pela pior crise de nossa História, ao povo brasileiro só tenha restado tão estreita margem de opção. Qualquer que seja seu voto, basicamente será o voto do medo de não identificar corretamente o “menos pior”, nesta pororoca infernal de promessas, embustes e denúncias em que se transformou a companha no segundo turno. Para confundir ainda mais, o iletrado se transformou em candidato dos intelectuais e o rico, em candidato dos pobres.

Confesso-me, como milhões de brasileiros, perplexo e preocupado.

No primeiro turno, apoiiei Brizola. E o fiz no pressuposto de estar escolhendo quem melhor se preparara para o exercício da Presidência. Isto pelo estudo, pelo trabalho, pelo relacionamento externo e até pelas provações que lhe foram impostas.

E agora, que fazer?

Não é fácil votar com responsabilidade. Só é fácil votar quando não há preocupação com o dia seguinte.

Temo, Senhor Presidente e Senhores Deputados, que o nosso povo, na ansiedade de seu desespero, esteja prestes a amargar a quarta frustração dos últimos cinco anos.

A primeira foi com a emenda das diretas, em 1984.

A segunda, com o plano cruzado, em 1986.

A terceira, com a Constituinte, na qual centrou todas as suas certezas e esperanças, como se a nova Constituição, por si só, de forma mágica e devastadora, tivesse o condão de zerar as aflições que acumulara ao longo do regime militar. No afã de desmontar o entulho autoritário, para reconciliar Estado e sociedade, produzimos o melhor e o mais democrático texto constitucional de nossa História e, no entanto, as inquietações não serenaram. É bem de ver que poucos se lembram que uma Constituição, na singeleza de seus enunciados, apenas fundamenta um projeto de vida, para cujo andamento precisa de algo mais, inclusive do grau de consciência e de vontade políticas de governantes e governados. E como esses condimentos – consciência e vontade políticas – a cada dia escasseiam no mercado de nossas ilusões, hoje nos defrontamos com o impasse sucessório, capaz de gerar a mais profunda frustração de todas as quatro a que me referi.

De fato, não resta dúvida de que os desenganos do passado estão a alimentar as expectativas de hoje. As esperanças de mudanças se voltam, inteiramente, para o futuro Presidente. Na simplicidade da visão popular, de lado a lado, uma vez eleito, o pão buscará a mesa do pobre e os corruptos, finalmente, serão mandados para a cadeia. A inflação será reduzida a índices inexpressivos. Os salários serão multiplicados. Não haverá mais fila nos hospitais nem nos postos do INPS ou do INAMPS. Os banqueiros internacionais vão se ajoelhar diante do Brasil. Todos terão terra para trabalhar. Não haverá desemprego, analfabetismo ou doenças. Enfim, será decretada a felicidade geral.

Ora, Senhor Presidente e Senhores Deputados, o messianismo estimulado pelos dois candidatos nos leva a acreditar que não estamos escolhendo um presidente para a República e sim um salvador para a Pátria. Nesta postura milagreira reside o grande perigo. Pois, não atendidos tão justos anseios, quem salvará o salvador?

Muito obrigado.

(Discurso do Dep. Jesualdo Cavalcanti Câmara dos Deputados em 11.12.89.)